

A violência na adolescência: uma revisão integrativa.
The violence in adolescence: an integrative literature review.
Violencia en la adolescencia: una revisión integrativa.

Edlon Vitor Souza de Moura
Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros
Pedro Gabriel Bezerra da Fonsêca

Resumo

A adolescência é uma fase de modificações biopsicossociais, onde ocorrem as alterações advindas da maturação do corpo, as cobranças da responsabilidade pessoal e coletiva, ingressos em processos sociais, como os vestibulares, que são diretamente dependentes do contexto em que inserido. Todas essas modificações podem desencadear e/ou potencializar comportamentos agressivos e violentos. Para a Psicanálise é na adolescência que o sujeito reedita, pelo Complexo de Édipo, desejos do passado que tiveram sido recalçados. A partir dessas considerações o estudo teve como objetivo conhecer, via periódicos científicos na área da psicanálise, como a violência na adolescência tem sido abordada nos últimos anos por este saber. Para tal realizou-se uma revisão integrativa da produção psicanalítica sobre a violência praticada na adolescência no Brasil nos anos de 2005 a 2020. Para identificação dos artigos científicos, utilizou-se os descritores “adolescência”, “violência” e “psicanálise” na base de dados SciELO (Scientific Eletronic Library Online) e o Google Acadêmico como ferramenta de busca. Encontraram-se investigações realizadas em diferentes contextos por onde a violência é observada numa perspectiva psicanalítica e conclui-se que os modos de violência são formas de o sujeito expressar o que ainda não se consegue falar com palavras. A produção científica pela psicanálise, acerca da violência praticada por adolescentes traz, para o leitor e profissionais das diversas áreas que atuam diretamente com eles, orientações para uma realidade experienciada, que por vezes, eles próprios não compreendem conscientemente e presença adulta, que viabilize um lugar de expressar-se é fundamental para que esse adolescente enderece suas angústias pela palavra e é a isso a Psicanálise se propõe, trazer esse sujeito ao campo da fala.

Palavras-chave: Adolescência. Psicanálise. Violência.

Abstract

Adolescence is a phase of biopsychosocial changes, where there are advanced changes in the maturation of the body, such as charges for personal and collective responsibility, entering social processes, such as entrance exams, which are directly dependent on the context in which it is inserted. All of these changes can trigger and / or potentially aggressive and violent. For Psychoanalysis, it is in adolescence that the subject reissues, through the Oedipus Complex, the wishes of the past that were repressed. From these considerations or the study aimed to know, through scientific journals in the area of psychoanalysis, how violence in adolescence was addressed in recent years by this saber. To this end, an integrative review of the psychoanalytical production on violence practiced in adolescence in Brazil in the years 2005 to 2020 was carried out. To identify scientific articles, used as descriptors "adolescence", "violence" and "psychoanalysis" in the SciELO database (Online Scientific Electronic Library) and Google Scholar as a search tool. Investigations were carried out in different contexts where violence is observed from a psychoanalytic perspective and concludes that modes of violence are forms of individuals subject to exhibition or who have not yet heard words. Scientific production by psychoanalysis on violence practiced by adolescents brings, for the reader and professionals from different areas that work directly with them, guidelines for an experienced reality, which they sometimes do not consciously understand and adult presence, which make possible an o The place of expressing oneself is fundamental for those adolescents who receive their anxieties through words and that is what Psychoanalysis applies to, bringing this subject to the field of speech.

Keywords: Adolescence. Psychoanalysis. Violence

Resumen

La adolescencia es una fase de cambios biopsicosociales, donde hay cambios avanzados en la maduración del cuerpo, como los cargos por responsabilidad personal y colectiva, el ingreso a procesos sociales, como los exámenes de ingreso, que dependen directamente del contexto en el que se inserta. Todos estos cambios pueden desencadenar y / o potencialmente agresivos y violentos. Para el psicoanálisis, es en la adolescencia que el sujeto vuelve a emitir, a través del Complejo de Edipo, los deseos del pasado que fueron reprimidos. A partir de estas consideraciones o el estudio tuvo como objetivo saber, a través de revistas científicas en el campo del psicoanálisis, cómo este abordó la violencia en la adolescencia en los últimos años. Para ello, se realizó una revisión integradora de la producción psicoanalítica sobre violencia practicada en la adolescencia en Brasil en los años 2005 a 2020. Para identificar artículos científicos, utilizados como descriptores "adolescencia", "violencia" y "psicoanálisis" en la base de datos SciELO (Biblioteca electrónica científica en línea) y Google Scholar como herramienta de búsqueda. Las investigaciones se llevaron a cabo en diferentes contextos donde la violencia se observa en una perspectiva psicoanalítica y concluye que los modos de violencia son formas de individuos sujetos a exhibición o que aún no han escuchado palabras. La producción científica del psicoanálisis sobre la violencia practicada por los adolescentes trae, para el lector y los profesionales de diferentes áreas que trabajan directamente con ellos, pautas para una realidad experimentada, que a veces no comprenden conscientemente y la presencia adulta, que hace posible un El lugar de expresarse es fundamental para aquellos adolescentes que reciben sus ansiedades a través de las palabras y eso es a lo que se aplica el Psicoanálisis, llevando este tema al campo del habla.

Palabras-claves: Adolescencia. Psicoanálisis. Violencia.

Há, na atualidade, várias perspectivas teóricas acerca do período chamado de Adolescência, esse momento traz consigo muitas mudanças, tais como desenvolvimento e alterações no funcionamento corporal, novos vínculos sociais e afetivos, entre outros, que atuam diretamente na experiência do sujeito chamado de adolescente. Pode-se observar a origem da palavra adolescência no latim, *adolescere*, verbo que significa 'crescer em direção à maturidade' o que aponta para uma perspectiva desenvolvimentista, onde se constatam que a adolescência é uma transição que impõe grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, onde a puberdade, elemento importante desta mudança, se aflora dando ao sujeito a maturidade sexual e capacidade de reproduzir (Papalia & Feldman, 2013).

A Adolescência também é conceituada numa perspectiva sociocultural, onde os sujeitos adolescentes são, a depender da cada cultura, inseridos em ritos

de passagens distintos, como forma de marcar uma transição da infância para a vida adulta, a exemplo disto, pode-se perceber a passagem da dependência infantil a emancipação do jovem adulto (Nasio, 2011). Outra questão ainda desta perspectiva sociocultural, quando se fala do contexto de leis e normas, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, é quem define uma faixa etária determinante para o sujeito adolescente, relacionadas às questões jurídicas e culturais, que se estende dos 12 a 18 anos (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990)

Contudo num cenário global, temos outras entidades, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) que definirá a adolescência como aquelas pessoas que estão os 10 e 19 anos de idade, dividida em dois momentos; a adolescência precoce que inicia-se aos 10 anos até os 14 anos e a tardia iniciando-se aos 15 anos e se estendendo aos 19 anos, porém quando buscamos tratar mais especificamente da adolescente o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em seu relatório anual sobre a ‘Situação Mundial da Infância’, problematiza essa faixa etária, muito embora, tome a faixa da OMS como aceitável, afirmando existir uma complexidade na demarcação de uma idade inicial e final, pois questões como as mudanças corporais e comportamentais provocadas pela puberdade, a falta de unificação das leis em países para definição da faixa etária da adolescência e a inserção “precoce” dos adolescentes nos trabalhos dos adultos dificultam demarcar, com precisão essa etapa da vida.

Outra perspectiva, a psicanalítica, já traz uma reflexão voltada para a complexidade experienciada pelo sujeito adolescente. De fato, para a Psicanálise não há uma demarcação da adolescência como podemos observar numa

perspectiva desenvolvimentista, o que não significa que Freud ou mesmo Lacan não tenha falado e percebido esse momento na vida do sujeito (Alberti, 2009).

Para Calligaris (2009), a adolescência é um período posterior a um momento em que muitos valores, banais ou não, foram assimilados, ou seja, apreendidos na infância. O corpo está maturado, chegou à puberdade, e em outras palavras tem vigor para executar inúmeras tarefas laborais, até mesmo as mais insalubres, e de *performance* social, contudo lhes é imposto uma moratória, termo primeiramente utilizado por Erikson (1976). Traduzindo o conceito de moratória para o universo social, seria o período de postergação das responsabilidades, em que o adolescente precisará olhar para si mesmo e ao seu redor, com a finalidade de fazer escolhas assertivas sobre sua vida, de modo que construa sua própria identidade e siga, com autonomia, sua vida.

Essa moratória, uma vez imposta por uma sociedade instável, sem bases sólidas, associa-se a diversos pontos de mudança que ocorrem na vida do adolescente, tais como: os três lutos fundamentais vividos pelo adolescente, ou seja, o luto pelo corpo, pela vida e pelos pais da infância (Matos & Lemgruber, 2017). Esses lutos estão diretamente ligados aos conflitos psíquicos na reedição do Complexo de Édipo, onde desejos do passado que tiveram sido recalçados, ou seja, ocasiões angustiantes passadas que foram deixadas de lado para não o fazer sofrer naquele momento (Cottet, 1996). Esta reedição do complexo edipiano traz uma força congregada com a puberdade e a depender da condução social e dos recursos próprios dos adolescentes, podem deixá-los de tal modo que se sintam como se fora violentado por todas formas de questionamento e demandas, e de fato é, pois as pulsões presentes no adolescente não são nada

pacificadoras, e esse sujeito adolescente por não conseguir dominá-las, por vezes reage com violência na sua multiformidade, contra o outro ou contra si próprio.

Retomando Calligaris (2009), o adolescente é aquela criança que foi preparada para o sexo, o amor e o trabalho, porém não produz, ganha ou ama; contudo pode produzir, ganhar e amar, dentro da marginalidade, ou seja, o adolescente deseja tomar seu lugar, se encontrar, ter sua identidade firmada em algo que lhe proporcione estabilidade, já que perdera tanto com os lutos da sua infância e conflitos internos e externos.

Como forma de aliviar esse sofrimento, um endereçamento adequado de toda essa pulsão, seria a palavra e não o ato violento. Para isso, o adolescente precisa encontrar sua representação no laço social, onde será estruturante para ele. Isso quer dizer da importância do Outro social, lugar simbólico para inscrição, entrada desse adolescente, através de novas identificações que poderão melhor ajudá-lo a se organizar psiquicamente (Jerusalinsky, 2004).

A proposta desta revisão integrativa é buscar conhecer através da Psicanálise, as motivações que levam o sujeito adolescente ao ato violento (transgressor, agressivo, delinquente), com o intuito de contribuir para a comunidade científica da saúde, considerando que a violência praticada na adolescência é questão de saúde pública. Dessa forma, este artigo pode contribuir, reunindo-se ao conhecimento já existente, para um manejo clínico mais acurado junto aos sujeitos que estão vivenciando suas experiências adolescentes e os que estão ao seu redor.

MÉTODO

Como método para responder as questões levantadas pelo objetivo deste estudo, a revisão integrativa de literatura foi escolhida como instrumento para organizar, revisar e sintetizar o conhecimento das produções sobre o tema no âmbito científico, desta forma garantindo um rigor metodológico e uma apresentação crítica da análise dos textos (Souza, Silva & Cardoso, 2010; Torraco, 2005).

Como forma de estruturar a revisão, utilizou-se o método descrito por Mendes, Silveira & Galvão (2008). A coleta dos dados ocorreu entre abril de 2020. A base de dados utilizadas nessa revisão foi biblioteca virtual SciELO (Scientific Electronic Library Online). Para identificar os descritores oficiais indexados, foi feita uma consulta no site dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores utilizados na pesquisa foram: “violência”, “psicanálise” e “adolescência”; todos foram consultados e encontrados como descritores oficiais.

Para coleta dos artigos na base de dados escolhida utilizou-se o motor de busca do Google Acadêmico pela expressão de busca: (violencia and psicanalise and adolescencia) -gênero -conjugal -educação -substância -droga -penha -racial -transfobia -idoso site:www.scielo.br . Com esta pesquisa foi possível eliminar os artigos que não estavam dentro do assunto proposto pelo objetivo da pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: a) artigos completos; b) publicados no período de 2005 a 2020; c) disponibilizado em língua portuguesa; d) sendo ao menos um dos autores da área da Psicologia; e) conter ao menos o termo (violência AND psicanálise AND adolescência) como tema central do estudo. Os

critérios de exclusão foram: a) resenhas de livros, dissertações e teses, dossiês, carta ao editor, editorial, entrevista; b) ter a discussão sobre violência praticada por adultos e crianças; c) artigos sem pertinência. Para evitar a duplicação dos dados esses foram cruzados.

Os títulos encontrados na pesquisa realizada foram inseridos numa planilha Excel, identificando-se os critérios de inclusão e exclusão. Todos os resumos dos artigos encontrados foram lidos, em outros casos, foi necessária a leitura do artigo na íntegra para a decisão final se os artigos entrariam ou não na seleção.

A busca foi realizada em abril de 2020. Foram localizados pela expressão de busca no Google Acadêmico 150 títulos que tiveram os seus respectivos resumos lidos e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram descartados 144 referências, das quais 18 foram repetidas e 126 não apresentavam os descritores como tema central, ao final foram selecionados e lidos na íntegra 6 artigos (Figura 1).

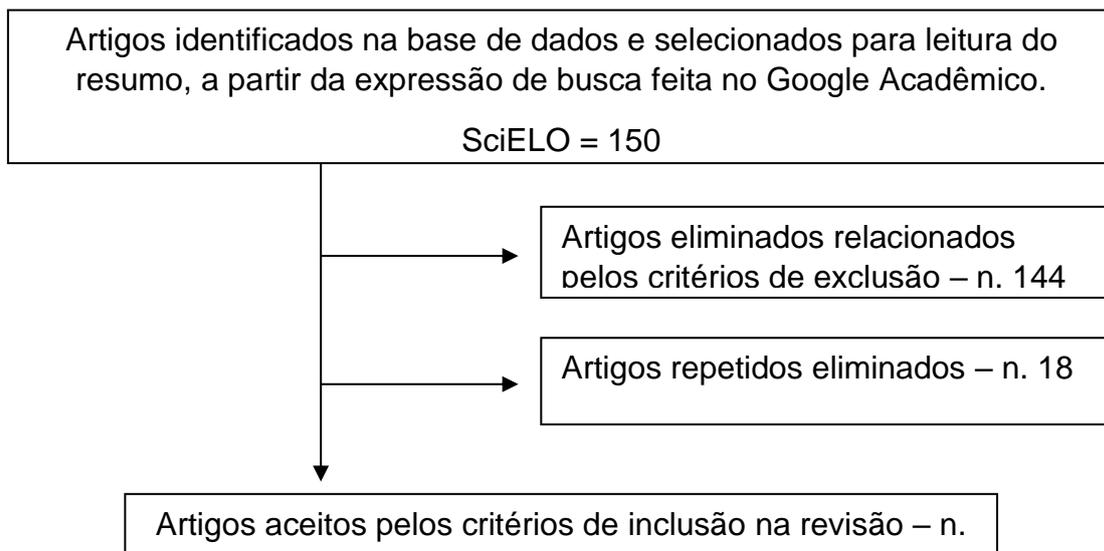


Figura 1. Fluxograma de seleção de artigos sobre psicanálise, violência e adolescência publicados entre 2005-2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 6 artigos incluídos na pesquisa, 1 é caracterizado como pesquisa empírica e 5 como pesquisa teórica. Dentre as teóricas 4 se apresentam como estudos de discussão teórica e um deles reflexão metapsicológica a partir da experiência clínica das autoras. Já em relação à pesquisa empírica, tiveram aplicação de entrevista semidiretivas, testes projetivos, respostas às três questões referentes ao registro do funcionamento psíquico com participantes jovens que praticaram agressões sexuais e estupro. Todos os artigos explicitaram ter a Psicanálise como o referencial teórico, contudo um também se utilizou do referencial psicossocial (Tabela 1).

Considera-se a produção psicanalítica a respeito do ato violento praticado pelos adolescentes pouco expressiva, uma vez feita um recorte que filtra outros aspectos como drogas, álcool, gêneros, situação socioeconômica, etc. dentro janela de tempo proposta por esta pesquisa, pois compreendeu-se buscar apenas as motivações que levam os adolescente ao ato violento e não os tipos de violência praticados. Inicialmente foi obtido um artigo em 2006, destacando-se por buscar uma relação da violência pubertária na perspectiva psicanalítica e os motivos do surgimento da mesma na adolescência e as vias de tratamento da violência (Marty, 2006). Já em 2008 apenas mais um artigo falava sobre a importância da função materna na constituição psíquica do sujeito adolescente delinquente e, portanto, praticante da violência (Benhaim, 2008).

Nos anos de 2009 a 2011 houve o investimento na temática da adolescência e violência numa perspectiva psicanalítica, pouco expressiva, sendo encontrada uma publicação a cada ano, onde pode ser observado através de uma

pesquisa empírica com jovens praticantes de agressões sexuais que foram submetidos a entrevistas semidirigidas e testes numa perícia judicial, a partir de então o autor lança mão da noção de narcisismo fálico permitindo assim esclarecer os impasses identificatórios e a dificuldade de compor com a mutualidade dos desejos que estes jovens possuem (Chagnon, 2009). Já em 2011, o estudo de caráter psicossocial se preocupa em situar o conceito de adolescência através dos tempos e suas implicações na modernidade individualista, criando certo estereótipo de adolescente como sinônimo de liberdade e felicidade sendo necessária a atuação pela transgressão para ser inscrito no simbólico e assim ser um sujeito individual e autônomo (Bertol e Souza, 2010).

No ano de 2011 a adolescência é postulada como um estado fronteiro para o sujeito, e como forma de passar ou de ficar nesse estado o adolescente se recusa ao ato, atitude considerada como uma “recusa subjetiva negativa”, que como mecanismo de defesa o sujeito se submete passivamente as violências sofridas por ele, abrindo mão de seu agir no mundo.

Tabela 1

Objetivos, principais problemas localizados e contribuição dos estudos.

Título do artigo/ Autor (ano)	Objetivo	Tipo de estudo/participantes	Contribuições do estudo/ resultados
Adolescência, violência e sociedade Marty (2006)	Explicar a necessidade do adolescente em ter como referencial um adulto que sirva de apoio narcísico para a constituição do <i>self</i> no tratamento da violência vivenciada na adolescência.	Levantamento conceitual da violência pubertária na perspectiva psicanalítica, os motivos do surgimento da mesma na adolescência e as vias de tratamento da violência.	O tratamento da violência passa, portanto, pela tomada de consciência, por parte dos adultos, quanto ao papel que devem exercer na constituição do <i>self</i> , em particular no momento da adolescência.
O materno e a delinquência Benhaim (2008)	Postular sobre a importância da função materna na constituição do sujeito adolescente e no possível ato delinvente.	Discussão conceitual a respeito da função materna e sua efetividade na constituição psíquica do sujeito adolescente delinvente e, portanto, violento.	Destaca-se que há uma necessidade de ofertar ao recém-nascido a ilusão de ser "puro ser de gozo", numa perspectiva winnicottiana, para que posteriormente, na adolescência, esse sujeito possa suportar as violências internas (psíquicas) e externas (social e sua entrada na puberdade) da adolescência e os tempos de dependência absoluta e relativa, e ter acesso à independência através da linguagem. A violência é uma <i>passagem ao ato</i> causado pela angústia inconfessável numa tentativa paradoxal de restabelecer, numa forma de urgência, um laço posto à prova e só podendo ser apreendido através do outro, que no passado não pode lhe iludir.
A agressão sexual na adolescência: um destino a hiperatividade? Chagnon (2009)	Explicar de que maneira a hiperatividade infantil, dificuldade de tratar mentalmente as excitações pulsionais, constitui fator de risco de agressão sexual na adolescência.	Vinte adolescentes e/ou jovens adultos, levados a exame por agressões sexuais e estupro, que participaram de entrevistas semidiretivas, testes projetivos, respostas às três questões referentes ao registro do funcionamento psíquico no âmbito de perícias judiciárias.	A noção de narcisismo fálico permite esclarecer os impasses identificatórios e a dificuldade de compor com a mutualidade dos desejos, bem como perceber a relação de fatores estruturais, familiares e contextuais.

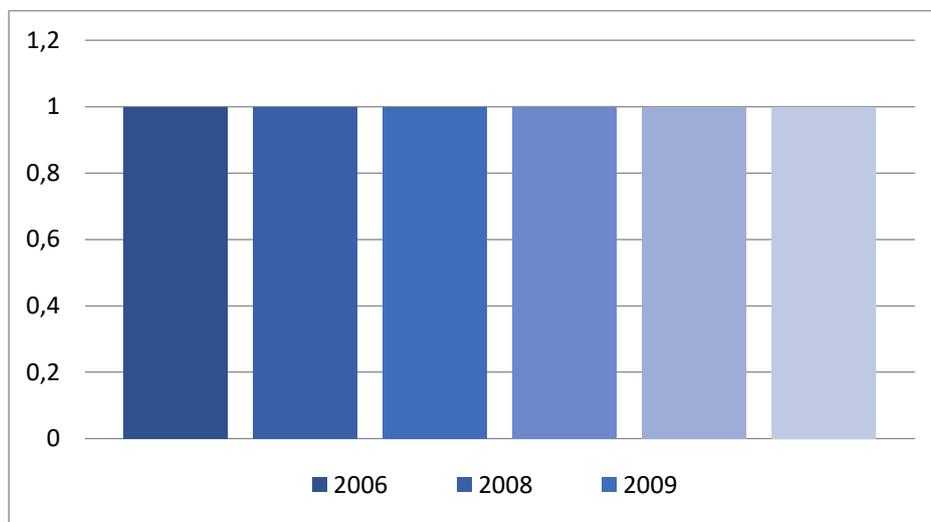
Título do artigo/ Autor (ano)	Objetivo	Tipo de estudo/participantes	Contribuições do estudo/ resultados
Transgressões e adolescência: Individualismo, autonomia e representações identitárias Bertol e Souza (2010)	Problematizar a adolescência a partir do pressuposto de que se trata de um conceito construído ao longo da modernidade que passou a ocupar um lugar central nas ciências humanas.	Discussão teórica acerca da construção e definição histórica do termo adolescência e suas implicações na modernidade, com o individualismo regado pelo ideal de liberdade e felicidade desejado pelo adolescente.	Com a adolescência, a civilização pode, então, expor seus desejos e suas fantasias de agressão, na medida em que entende que a agressividade e a punição constituem ações necessárias na orientação e no disciplinamento dos sujeitos. Assim, a violência contra os adolescentes será continuamente exercida enquanto continuarmos a impor práticas, significados e modalidades de pensar e de sentir estabelecidas como naturais e normais, excluindo formas alternativas e ocultando o jogo de forças e a persuasão presentes na rede social, aspectos fundamentais para as escolhas do sujeito.
Recusa ao ato na adolescência: uma “recusa subjetiva negativa”? Cardoso (2011)	Estudar a questão da violência psíquica na adolescência, em certas patologias do ato, em particular as situações clínicas marcadas pelo negativo desse registro: a recusa radical no plano do agir.	Explicação teórica de como a adolescência é um momento fronteiro para o sujeito, sendo um causador de um sofrimento intenso e de violência psíquica no sujeito adolescente, contudo apontando a via, negatizada, de uma conduta de recusa ao ato, ficando na posição passiva de resistência a toda violência sofrida.	É apresentado que a recusa ao ato do adolescente, mesmo que esteja em um estado de sofrimento e violência psíquica é uma “recusa subjetiva negativa”, como mecanismo de defesa, ou seja, o adolescente abre mão de sua capacidade de e possibilidade de agir, agir no mundo. Posição subjetiva adotada pelo adolescente de “inação” afirmativa, que é uma insistente e compulsiva morosidade, resistindo à realização do trabalho de luto que seria inerente ao crescer.
“Vou pintar o terror!”: “Pois bem, veja então isso!” Barros, Frej e Melo (2014)	Situar, na radicalidade da violência, uma tentativa de enodamento entre o ato e o apelo ao Outro.	As experiências das autoras em uma instituição-clínica serviram como alicerce para a construção das reflexões a cerca da violência praticada e sofrida na adolescência.	A errância da adolescência, deve ser situada como uma falta de inscrição no simbólico (no que concerne a seu ser e à sua filiação) manifestada como forma de violência, delito ou transgressão, vem como um grito de socorro, de apelo ao simbólico, ao Outro e, por intermédio dele, à inscrição significante desde adolescente. Para tanto, considera-se que a Instituição possa ser esse Outro e fazer esse eixo de sustentação e endereçamento permitindo assim o deslizamento para instituição da palavra, a escrita e a inscrição do sujeito, deixando de lado o ato (violento, delinquente, transgressor).

Fonte: pesquisa, Moura, 2020.

Por último, no recorte temporal desta pesquisa está apenas mais um artigo no ano de 2014, que retrata a experiência das autoras frente a adolescentes institucionalizados, em cumprimento de medidas socioeducativas. Postula-se aqui que a errância da adolescência, deve ser situada como uma falta de inscrição no simbólico, lugar topológico no psiquismo humano, por onde o sujeito se expressa no mundo social (no que concerne a seu ser e à sua filiação). Desta feita, o adolescente ao manifestar através da multiformidade da violência seu sofrimento, apela ao Outro, instância que lhe oferta um caminho, com um grito de socorro, para que por intermédio deste Outro, haja inscrição significativa do adolescente, ou seja, encontrar sua expressão pela palavra falada (Barros, Frej e Melo, 2014).

Com os resultados desta revisão integrativa da literatura pode-se concluir que a escuta clínica psicanalítica é de extrema importância no tratamento da violência praticada por adolescentes, pois ao se debruçar sobre suas histórias, e verificar o que há lá, quais demandas e desejos estão atuando na complexidade de sua experiência, proporcionará uma condução adequada de cada caso, preservando assim, a singularidade de cada um. Percebe-se, em função da complexidade do tema deste artigo, que as publicações feitas em periódicos científicos se mostram pouco expressivas, o que deve fomentar nos profissionais maiores pesquisas para compreensão acerca da violência praticada por adolescentes (Figura 2).

Figura 2. Quantidade de publicações entre 2005 e 2020.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência praticada pela adolescência é um tema importante e convoca a todos os envolvidos, quer sejam psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, e toda a rede multiprofissional, bom como a própria família nas suas representações parentais. Os artigos coletados nesta pesquisa dialogam entre si e trazem uma consonante orientação voltada para a questão da violência praticada pelo adolescente, onde mostra-se que há uma necessidade intrínseca da presença adulta no auxílio da constituição do self, dando subsídio para uma melhor articulação com as angústias/violência internas e externas da próprias da adolescência. É necessário que haja um manejo clínico mais acurado para que a adolescência seja inscrita no simbólico, de tal modo que haja um endereçamento diferente da violência, da delinquência ou transgressão, através da palavra.

REFERÊNCIA

Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente* (3a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos/Contra Capa.

Barros, P. C. M., Frej, N. Z., & Melo, M. F. V. (2014). "Vou pintar o terror!": "Pois bem, veja então isso!". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3, Suppl. 1), 604-615. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3-Suppl.p604.3>

Benhaim, M. (2008). O materno e a delinqüência. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 11(1), 9-16. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982008000100001>

Bertol, C. E., & Souza, M. (2010). Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(4), 824-839. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400012>

Calligaris, C. (2009). *A Adolescência*. (2nd. ed.) São Paulo, SP: Publifolha.

Cardoso, M. R. (2011). Recusa ao ato na adolescência: uma "reação subjetiva negativa"? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(1), 21-33. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000100002>

Chagnon, J. Y. (2009). A agressão sexual na adolescência: um destino da hiperatividade?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(2), 275-290. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000200008>

Cottet, S. (1996). Estrutura e romance familiar na adolescência. In: Ribeiro, H. C. & Pollo, Vera (Org.), *Adolescência: o despertar / Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise* (pp. 7-20). Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa Livraria.

Erikson, E. H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). (6ª. ed.). Brasília: Senado Federal.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (2011). *Situação Mundial da Infância 2011 – Adolescência: uma fase de oportunidades*. Nova Iorque: UNICEF.

Jerusalinsky, A. N. (2004). *Adolescência e Contemporaneidade*. In Conselho regional de Psicologia 7ª Região. *Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Porto Alegre, RS: Libretos.

Marty, F. (2006). *Adolescência, violência e sociedade*. Rondon, P. H. B. (Trad.). *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 119-131. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100009>

Matos, L. P., Lemgruber, K. P. (2017). *A adolescência sob a ótica psicanalítica: sobre o luto adolescente e de seus pais*. *Rev. Psicol Saúde e Debate*, 2(2), 124-145. DOI: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2N2A8>

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., Galvão, C. M. (2008). *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Nasio, J.-D. (2011). *Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Organização Mundial da Saúde (2014). *Adolescent health (Saúde do Adolescente)*. Genebra: OMS.

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

Torraco, R. J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human Resources Development Review*, 4, 356-367. doi: <https://doi.org/10.1177/1534484305278283>

Autores

Edlon Vitor Souza de Moura

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Graduando em Psicologia.

edlonvitor@hotmail.com

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP) e Doutora em Psicologia Social UFPB

clarissa.barros@fps.edu.br

Pedro Gabriel Bezerra da Fonsêca

Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Psicanalista, Mestre em Psicologia (UFPE)